

PALAVRAS DO PATRONO

Evaristo de Moraes Filho

Ans?  
± 1981

Serei breve, tão breve como o caipirinha da beira da estrada por onde passava um carro a meia-marcha. Pergunta-lhe o motorista, em tom de gozação: O menino tem mãe? Responde-lhe o garoto imediatamente: Nem pai...

Fui realmente surpreendido pelo convite e indicação do meu nome para patrono das turmas que se formam, neste semestre, no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, da Universidade Federal de Rio de Janeiro. Aceitei, mas com o compromisso de não ter de fazer discurso, nesta terra de paladadores. Negativo, disseram-me; e cá-me aqui a recitar estas palavras diante de Vs.

A figura algo hierática do patrono, como a dos deuses, deve ser intocável e universal para todos, sem comprometimentos nem divisionismos: é ou não é. Mas já que sou obrigado a dizer alguma coisa, não deixarei de dar a minha mensagem aos que estão agora entrando na vida profissional, já diplomados, responsáveis por seus próprios atos e por suas próprias idéias. Uma coisa deve estar sempre presente ao espírito de Vs.: a brevidade da vida humana. Mal despertamos para ela e já aí se inicia a contagem regressiva. Não passou pela vida, foi sombra de homem, não viveu, aquele que, desde cedo, não fez a opção entre a aceitação e o repúdio das injustiças sociais. A meu ver é o dado primário e imediato da realidade social. Nessa opção, que é dramática, já se delineia o futuro de cada um: ou participar, às intei<sup>ra</sup>s, dos bens da vida, qualitativos e quantitativos, como o resto da sociedade estivesse a seu serviço; ou colocar-se à margem, privado desses bens, escurraçado do grande banquete, como um traidor de sua classe, como uma ameaça ao conforto pleno dos privilegiados.

Esta opção, meus amigos, é dramática, porque é um caminho que raramente tem volta. Uma concepção de mundo e de vida não é uma simples camisa, que se troca conforme o estado de espírito ou às solici-

tações dos donos do poder. E não se iludem, deixando-se ficar no dol-  
ce far niente do indiferentismo, à espera de uma opção que os acasos  
da existência ~~mandam~~ acabam por decidir. É na mocidade que a escolha se dá  
mais livremente, ainda quando os compromissos da posição e da fortuna  
não acabam por meter o indivíduo num círculo de ferro, estreitando-  
lhe os horizontes e lhe passando uma venda nos olhos. Reparar como a  
história dos grandes espíritos da humanidade registra em cada um de-  
les como que uma certa precocidade na escolha do seu caminho por en-  
tre os seus contemporâneos. Um bom curso universitário - sem peias,  
nem terrorismos culturais - permite essa opção, constrói uma cosmo-  
visão filosófica, política e social para cada qual. Este é, e deve  
ser, um universo aberto, sem sectarismos nem radicalismos maniqueís-  
tas que não se comunicam.

Vs. estes factos de assistir a mudanças de posições ao longo  
da vida de muita gente. Qualquer mudança é lícita desde que sedimen-  
tada em argumentos lógicos, em críticas fundadas. Dizem que só não mu-  
da a mula de regimento... Como um patrono que se preza, não posse es-  
tar aqui a falar de canalhas nem de vendilhões, mas esses também os  
há, e em grande quantidade. Em verdade, tão mais profunda e meditada  
é a opção, quanto mais difícil é renegá-la. O que foi adquirido após  
longo exame e consideração somente pode ser afastado por igual exa-  
me, de análise, de estudo e de vida realmente vivida e pensada. Te-  
mo observado que, talvez em consequência mesma da força centrífuga,  
são lançados longe, quase sempre no campo oposto de 180º, precisamen-  
te aqueles que se encontravam na periferia do processo, agitados e se-  
ctários. Vivem mais num estado emocional, do que propriamente intele-  
ctual.

Neste país não faltamos causas para um bom combate. Praticamen-  
te, desde os seus primórdios, os problemas são sempre os mesmos, iter-  
ativos e recorrentes, repetindo-se indefinidamente, ladeira abaixo.  
Pensemos só em alguns <sup>deles,</sup> dos tempos do Império ou da 1ª República: mi-  
séria, analfabetismo, crise de moradia, carestia da <sup>vida (inflação)</sup> ~~viver~~ insuficên-  
cia da <sup>rede</sup> ~~rede~~ escolar, <sup>c</sup> ~~concentração~~ concentração da renda e da propriedade, corru-  
pção, ausência de partidos políticos nacionais, e assim por diante.

tações dos donos do poder. E não se iludem, deixando-se ficar no dol-  
ce far niente do indiferentismo, à espera de uma opção que os acasos  
da existência ~~mandam~~ acabam por decidir. É na mocidade que a escolha se dá  
mais livremente, ainda quando os compromissos da posição e da fortuna  
não acabam por meter o indivíduo num círculo de ferro, estreitando-  
lhe os horizontes e lhe passando uma venda nos olhos. Reparar como a  
história dos grandes espíritos da humanidade registra em cada um de-  
les como que uma certa precocidade na escolha do seu caminho por en-  
tre os seus contemporâneos. Um bom curso universitário - sem peias,  
nem terrorismos culturais - permite essa opção, constrói uma cosmo-  
visão filosófica, política e social para cada qual. Este é, e deve  
ser, um universo aberto, sem sectarismos nem radicalismos maniqueís-  
tas que não se comunicam.

Vs. estão farto de assistir a mudanças de posições ao longo  
da vida de muita gente. Qualquer mudança é lícita desde que sedimen-  
tada em argumentos lógicos, em críticas fundadas. Dizem que só não mu-  
da a mula de regimento... Como um patrono que se preza, não posso es-  
tar aqui a falar de canalhas nem de vendilhões, mas esses também os  
há, e em grande quantidade. Em verdade, tão mais profunda e meditada  
é a opção, quanto mais difícil é renegá-la. O que foi adquirido após  
longo exame e consideração somente pode ser afastado por igual cami-  
nho, de análise, de estudo e de vida realmente vivida e pensada. Te-  
mo observado que, talvez em consequência mesma da força centrífuga,  
são lançados longe, quase sempre no campo oposto de 180º, precisamen-  
te aqueles que se encontravam na periferia do processo, agitados e se-  
ctários. Vivem mais num estado emocional, do que propriamente intelec-  
tual.

Neste país não faltam causas para um bom combate. Praticamen-  
te, desde os seus primórdios, os problemas são sempre os mesmos, iter-  
ativos e recorrentes, repetindo-se indefinidamente, ladeira abaixo.  
Pensemos só em alguns <sup>deles,</sup> dos tempos do Império ou da 1ª República: mi-  
séria, analfabetismo, crise de moradia, carestia da <sup>vida (inflação)</sup> ~~viver~~ insuficên-  
cia da <sup>rede</sup> ~~rede~~ escolar, <sup>c</sup> ~~concentração~~ da renda e da propriedade, corru-  
pção, ausência de partidos políticos nacionais, e assim por diante.

5  
encontram-se ainda  
Todos os problemas ~~existentes~~ sem solução, adiada esta cada  
vez que pareça ou se constitua mesmo numa ~~ameaça~~ ameaça aos beneficiários de  
mando e da fortuna. Ouvi ainda há pouco de um cidadão bem posto deste  
país, que é "patriota mas não é ~~nacionalista~~ nacionalista", como <sup>se</sup> uma coisa pudesse  
existir sem a outra. Patriotismo para ele é entregar a nação ao capi-  
tal estrangeiro, às multinacionais, desde que os resultados - falsos  
e aparentes - se façam logo sentir, dando a ilusão de enriquecimento  
e de desenvolvimento econômico.

Quando fiz o vestibular para direito, nesta <sup>a</sup> mesma Universidade,  
em 1933, nunca imaginei que chegaríamos a 1981, agora, com os mesmos  
problemas a desafiar a nossa capacidade de pensar e agir. Embora pos-  
sa parecer o contrário, a sociedade brasileira é das mais estáveis e  
herméticas que existem. A herança colonial ainda nos envolve, com um  
elitismo asfixiante, que se disfarça num paternalismo de todas as ho-  
ras, de sorrisos, de palavras, mas que impede uma organização social  
realmente justa. As estruturas sociais brasileiras são rígidas, vis-  
cosas, inelásticas e inalteráveis. Desde as capitâneas hereditárias  
e as ~~seculares~~ <sup>seculares</sup>, pouco mudamos no campo. Os latifúndios são os mesmos,  
como a mesma é também a concentração da propriedade rural.

A mortalidade infantil continua praticamente a mesma, senão  
aumentada em certas áreas. A má alimentação e a subnutrição, em quase  
todas as áreas do país - porque em todas elas há extensas zonas de  
pobreza - impedem o desenvolvimento pleno do indivíduo, com a vida  
abreviada e a inteligência apoucada. Nunca tivemos uma revolução es-  
trutural ~~de verdade~~ <sup>de verdade</sup> dessas ~~que~~ <sup>cujo caráter próprio -</sup> cite Achille Loria -  
é modificar profundamente a constituição econômica, ou política, ou  
religiosa, segundo se voltam sobre um ou outro desses fatores da so-  
ciedade humana, fazendo a humanidade passar de uma maneira de ser a  
outra, sempre diferente e, algumas vezes, oposta. Febre puerperal que  
mata a mãe e preside ao nascimento do filho".

Nada disso tivemos, nunca, na história brasileira. A Indepen-  
dência, a República, 1930, que pareceram revoluções progressistas, na-  
da mais foram do que desavenças e acomodações ~~de~~ <sup>dentro da</sup> própria classe  
dominante. Nunca se interrompeu o processo histórico das oligarquias.

que sempre souberam e conseguiram manter-se no poder, com as mesmas <sup>subalternas</sup> classes ~~subalternas~~ sob seu jugo. Movimentos de superfície, meras acomodações do terreno - entre mortos e feridos, salvaram-se todos. Movimentos vindo de alto, revoluções pelas cimalthas - "Pedro, põe a coroa na tua cabeça..." (D. João VI); "façamos a revolução, antes que o povo a faça" (Antonio Carlos ~~de~~, 1929), - significaram meras modernizações conservadoras, com as mesmas classes acomodadas no poder.

Agradeço o ~~meu~~ <sup>haverem</sup> Vs. me escolhido para patrono, como uma reparação dos jovens pelo ~~meu~~ que eu e muitos colegas nossos por este Brasil - e especialmente deste Instituto, alguns já mortos - passamos durante o arbitrio da ditadura ~~nessa~~ <sup>que se instalou entre nós</sup> a 1º de abril de 1964. Espero e desejo que Vs. tenham melhor sorte do que eu e os companheiros da minha geração, alcançando <sup>tempos melhores</sup> e vivendo num país redimido, livre e democrático. Afinal, é sempre no futuro que a humanidade coloca os seus sonhos... Muito obrigado.